

Da *Hermenêutica da facticidade*: uma indicação a sua contribuição à psicologia fenomenológico-existencial

On Hermeneutics of facticity:
An indication of his contribution to phenomenological-
existential psychology

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

71

RESUMO

O artigo se ocupa da *Hermenêutica da facticidade*, do filósofo alemão contemporâneo Martin Heidegger (1889-1976). Nosso propósito inicial é apresentar, sumariamente, os termos do referido projeto filosófico e como este pretende uma abordagem do fenômeno humano enfocado como “vida fática” (*faktische Leben*). Neste modo de visar, importa para Heidegger a determinação dessa vida, a qual ele denomina de “facticidade” (*Faktizität*), conceito que, ao longo de sua investigação, vai, progressivamente, ganhando importância e centralidade. Tratado no seio de *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade* (preleção do semestre de verão ministrada na Universidade de Friburgo em 1923), o conceito de facticidade tem lugar no tentame de elaboração de um modo de tornar nosso ser mais claro a nossa própria compreensão. Justamente por isso, uma tal *hermenêutica de nós mesmos* não constitui uma metodologia de interpretação de um objeto que pretensamente seríamos. Assim, hermenêutica diria, antes, do procedimento que, contando com a compreensão que temos de nosso próprio ser, pode tomar o sentido de nosso *factum*, de nosso *fato de ser*. Intentamos evidenciar o quanto a hermenêutica da facticidade é tão hermenêutica quanto também fenomenológica e que, a ideia de “tomar o nosso próprio ser nas mãos”. O artigo ainda se empenhará por deixar claro o quanto a facticidade não é um traço natural, substancial ou essencial do ente que somos; em sua caracterização fenomenológica, tal figura constitui, para Heidegger, uma dinâmica de “fazer-se”, o que nos leva a pensar no caráter em aberto e continuamente criador da vida em seu “dar-se”. Ao fim, ensaiamos, como nosso título anuncia, uma indicação do quanto a hermenêutica da facticidade teria a contribuir para o modo de compreender e comportar-se de uma psicologia fenomenológico-existencial.

PALAVRAS-CHAVE

Hermenêutica da facticidade; vida fática; contribuição à psicologia fenomenológico-existencial; Heidegger

ABSTRACT

The article deals with the Hermeneutics of facticity, by the contemporary German philosopher Martin Heidegger (1889-1976). Our initial purpose is to briefly present the terms of the philosophical project and how it intends to approach the human phenomenon focused on as “*faktische Leben*”. In this way of aiming, the determination of this life is important to Heidegger, which he calls “facticity” (*Faktizität*), a concept that, throughout his investigation, progressively gains importance and centrality. Treated within *Ontology: Hermeneutics of Facticity* (summer semester lecture given at the University of Freiburg in 1923), the concept of facticity takes place in the attempt to develop a way of making our being clearer and our own understanding. Precisely for this reason, such a hermeneutic of ourselves does not constitute a methodology for interpreting an object that we supposedly are. Thus, hermeneutics would say, rather, of the procedure that, relying on the understanding we have of our own being, can take the meaning of our factum, of our fact of being. We try to highlight how the hermeneutics of facticity is as much hermeneutic as it is also phenomenological and that the idea of “taking our own being in our hands”. The article will also strive to make clear how facticity is not a natural, substantial, or essential trait of the entity that we are; In its phenomenological characterization, this figure constitutes, for Heidegger, a dynamic of “making itself”, which leads us to think about the open and continually creative character of life in its “giving itself”. In the end, we rehearse, as our title indicates, an indication of how much the hermeneutics of facticity could contribute to the way of understanding and behaving in a phenomenological-existential psychology.

72

KEY WORDS

Hermeneutics of facticity; factual life; contribution to phenomenological-existential psychology; Heidegger

INTRODUÇÃO

A filosofia de Heidegger, no Brasil e mesmo fora, é primeiro e majoritariamente conhecida pelo consignado em *Ser e tempo*, obra de 1927, em especial pelo papel desempenhado por sua filosofia existencial, materializada no projeto da analítica existencial. No entanto, mesmo esta não é sem gestação. Antecipam-se a este marco de pensamento trabalhos que, cada qual a seu modo, ajudaram a perfilar a obra. É comum datar este engendramento entre os anos de 1923-26, época de cursos com os quais Heidegger despontava na cena acadêmica alemã como o jovem filósofo cujas ideias autorais eram marcadas por arrojo e pertinácia. Mas é possível retroagir ainda mais na linha do tempo ao ano de 1917 e dali movermo-nos até 1921, se desejarmos observar a delimitação do conceito de *Faktum*, no coração do que mais tarde seria o conceito de *vida fática* (*faktische Leben*), depois de *facticidade* (*Faktizität*) e, após elaboração adicional, o de *ser-aí* (*Da-sein*) exercendo centralidade na análise fundamental da existência.

Essas poucas linhas apenas noticiam a existência de trabalhos pregressos a *Ser e tempo* que servem de preparação a ele ou, quando muito, conformam dois períodos para lidar com a obra de Heidegger em nosso trabalho. Considerando que uma reconstrução dos muitos passos dados nesse arco temporal, por sua extensão e laboriosidade, seria irrealizável aqui, optamos por determo-nos em um dos textos desse Heidegger juvenil, que se reveste de especial importância por, em nossa avaliação, ser ponto para o qual confluem alguns dos principais estabelecimentos do primeiro período e, simultaneamente, ponto consolidado do qual partem desenvolvimentos do segundo. A referida obra: *Ontologia: Hermenêutica da facticidade* (1923).

HERMENÊUTICA DA FACTICIDADE, UM PAINEL

O projeto filosófico de uma hermenêutica da facticidade surge como primeira tentativa de colocar a experiência humana sob escrutínio. Convivendo com Edmund Husserl, sendo inclusive seu assistente, é sabido que Heidegger não subscrevia todas as posições da fenomenologia transcendental de seu mestre, o que faz com que a sua hermenêutica fenomenológica da vida fática surgisse como alternativa à fenomenologia husserliana, que pretendia o ideal de evidência dos fenômenos na forma de 'visões das essências' (HEIDEGGER, 1988). Desse modo, o que nosso filósofo chama de hermenêutica da facticidade seria um modo de investigar que, se colocando desde a compreensão, seria capaz de estar desperto para a assim chamada "vida fática" e a sua determinação, a facticidade. Nesse caso, o próprio ente que compreende se volta a determinação de seu ser mais próprio enquanto *contexto de situação desde o qual se pode compreender seu próprio modo de ser*. Justamente por partir de compreensão é que contamos aqui com uma hermenêutica.

Numa tentativa de expressar como esta procede, eis uma caracterização feita pelo próprio filósofo:

A hermenêutica não é um modo artificialmente concebido de análise que é imposta ao ser-aí e perseguida por curiosidade. Se considerada a partir da própria facticidade, deve-se determinar quando e em que medida ela solicita a interpretação proposta. Assim, pois, a relação entre hermenêutica e facticidade não é a que se dá entre a apreensão da objetividade e a objetividade apreendida (à qual aquela somente teria de ajustar-se) mas o interpretar mesmo é um modo possível distintivo do caráter ontológico da facticidade. A interpretação é algo cujo ser é o da própria vida fática. Assim, se chamarmos, mesmo que impropriamente, a facticidade como a "objetividade" da hermenêutica (como as plantas são objetos da botânica), diremos que esta, a hermenêutica, encontra-se em sua própria objetividade (ou seja, como se as plantas mesmas fossem a botânica) (HEIDEGGER, 2012, p. 22).

73

A referência à plantas e à botânica é ilustrativa, e nem sempre bem compreendida. Com esta, Heidegger pretende enfatizar que a hermenêutica da facticidade não é estranha à facticidade, que ela não é artifício, como são as teorias, que, ao enfocarem seus fenômenos, já os convertem em objetos (os quais já são assim sempre para uma figura de sujeito posicionadora). Em uma hermenêutica da facticidade, é ela, a própria vida fática, que compreensivamente se volta a compreender-se. Assim, a vida fática é capaz de tomar a si mesma em sua significação primordial, movendo-se, imediatamente, no âmbito de sua determinação fática fundamental, como se a própria vida fática investigasse a si mesma sem mediações. Ora, a referência à botânica é didática, e Heidegger se arrisca com ela. Ele procura mostrar que sua manobra é compreensível mesmo àqueles que, equivocadamente, compreenderiam a vida fática enquanto *Bios* (numa época em que pontificavam o vitalismo e até certo biologicismo na voga com Ludwig Klages e Hans Driesch). Desse modo, se pensarmos a manobra hermenêutica de Heidegger colocando em seu lugar a vida biológica ou, ainda, a vida das plantas, como região da outra, mal comparando, seria como se a as próprias plantas pudessem fazer botânica ou, mais precisamente, como se a dinâmica vital das plantas pudesse ser, ela mesma, o terreno para tomada de algo como uma autocompreensão de sua própria situação botânica. Por meio desta analogia, Heidegger amostra que é a situação fática, nossa facticidade, que a ele interessa.

Assim, a hermenêutica da facticidade:

[...] tem o trabalho de fazer a existência própria de cada momento acessível em seu caráter de ser à existência mesma, de comunicá-la, de clarificar o distanciamento de si mesmo que afeta a existência. Na hermenêutica se configura a possibilidade de chegar a compreender-se e de ser este que compreende. [...] A interpretação é algo cujo ser é do próprio viver fático (HEIDEGGER, 1988, p.15).

Nesse ponto, uma pergunta costuma ocorrer: *Mas então seria a hermenêutica da facticidade uma psicologia? Afinal, não teríamos nesta o humano voltado a compreender-se, de forma que tudo que lhe é humano lhe diga respeito?* A resposta a essas é o próprio Heidegger quem nos dá:

Não atitudes nem tipificações de maneiras de pensar, a fim de fazer ver tudo o que há; nada de psicologia (ou de psicologia da filosofia). Muito mais o fim é permitir ver como nosso ser-aí neles está, nosso ser-aí hodierno e, certamente, segundo modos de seu ser categoricamente, e como se além ao ser-aí, e se esta tendência interpretativa coloca ou não o ser-aí à mostra [...] (HEIDEGGER, 2012, p.42).

Há aqui, certamente, a maneira com a qual Heidegger compreende a psicologia de sua época, uma ciência teórico-empírica que decomporia os fenômenos da

consciência em elementos pretensamente básicos e que, após generalização, poderia tipificá-los, catalogá-los, como se isto garantisse uma compreensão de tudo quanto fosse o psíquico, o psicológico. Ou ainda, a filosofia na base da psicologia que ainda operaria com a lógica indutiva própria às ciências naturais, e que não nos colocaria ainda diante disso que a *psique* (enquanto marca da vida humana, como compreende Erwin Rohde em seu célebre livro)¹ poderia mais propriamente constituir. Não. A hermenêutica da facticidade não constitui uma psicologia, posto que a facticidade não constituiria, ao fim e ao cabo, uma objetividade dada a um sujeito expectador, cognoscente. E, se assim abordada, deixaria de expressar originariamente o em foco e a intuição fundamental de uma ciência fenomenológica originária da vida. (De certa maneira ainda em vigor em sua hermenêutica da facticidade). Da maneira com que as perguntas anteriores foram colocadas, é possível avaliar que elas ainda carecem da clareza necessária quanto ao que vimos chamando facticidade. Esta, como traço exemplar de nosso modo de ser mais próprio, é o que veremos à seguir.

FACTUM, FACIAMUS

Em seu esforço por caracterizar o fenômeno no fulcro de uma hermenêutica da facticidade, Heidegger compreende o quanto a vida fática é aquela que se confunde com o *experienciar de nós mesmos* e, por sua vez, o quanto tal experiência é rapidamente interpretada como a ideia tradicional de Homem. Sabendo o quanto essa noção é eivada de pressupostos históricos da metafísica, como, por exemplo, as compreensões de uma antropologia de origem greco-latina, nosso filósofo faz questão de passar em revista como o conceito de Homem se consolidou num traço presumidamente essencial de nossa própria situação fática. Assim, não apenas com motivação didática (afinal ele ministra uma preleção), Heidegger enumera como o conceito de Homem foi apropriado tanto pela tradição bíblica quanto pelo humanismo laico, do cristianismo primitivo ao Renascimento. Entre os extratos que buscam apresentar essas múltiplas compreensões (pressupostos sobre a facticidade na história do Ocidente), detenhamo-nos no trecho escolhido por Heidegger para indicar a compreensão que Santo Agostinho tem dele. O trecho escolhido por Heidegger é uma passagem do comentário de Agostinho ao *Gênesis* bíblico:

“Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. E aqui devemos observar certas conjunções e distinções entre os viventes. Pois ele diz que o homem é feito da mesma maneira que as bestas. Pois todos os viventes terrenos são ao mesmo tempo. E ainda assim, por causa da excelência da razão, segundo a qual o homem é feito à imagem [de Deus], aprendemos dele, depois que geralmente é concluído com relação ao resto dos viventes terrenos, dizendo: E Deus viu que era bom.”² [E Deus disse: “Façamos o homem a nossa

¹ Trata-se de uma referência a Rohde (1973).

² “*Ex dixit Deus, Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram. Et hic animadvertenda quaedam et conjunctio, et discretio animantium. Nam eodem factum hominem dicit, quo bestas. Sunt enim simul omnia*

imagem e semelhança”. Devemos observar como os animais são aqui agrupados e, ao mesmo tempo, mantidos separados. A Escritura diz que o homem foi feito no mesmo dia em que os animais, pois eles todos são viventes terrenos. No entanto, pela excelência da razão, segundo a qual o Homem é feito à imagem e semelhança de Deus, ela fala dele em separado, depois que Deus acabou de falar dos outros animais terrestres da maneira habitual, diz-se: “E Deus viu que era bom” (Em vez de: *Et factum est* [E ele foi feito] e: *et fecit Deus* [e Deus fez]. Da mesma forma: *Faciamus* [Façamos] – *Fiat* [Faça-se] (HEIDEGGER, 2012, p.30).

O que Heidegger teria visto neste *comento*? Na certa, mais do que apenas a necessidade de trazer Agostinho à análise como uma figura de autoridade e legitimação. Heidegger admite que, para o filósofo de Hipona, o humano é criatura como todos os viventes, mas aponta que este se diferencia ontologicamente dos outros. Pela excelência de ser racional? Talvez para Agostinho, pois, para Heidegger, a diferença mais significativa está em seu *fato de ser*. Explico-me: tal como interpretado, o *factum* da vida humana não é um “feito” como o que criou os animais, por assim dizer: o “uma vez feito”, o “efetuado” ou o “efetivado”. O *fato de ser* do humano é um *faciamus*, quer dizer: um “façamos” e, enquanto tal, algo que expressa *não* uma ideia cabal, substancial, mas um “por fazer”, um “a fazer” (nesse caso, um *a se fazer*). Destarte, a facticidade do humano aponta a um *faciemus*, a um “nós faremos” ou, ainda melhor, um *ipsis faciamus*, um “façamos a nós mesmos”.

Giorgio Agambem, num ensaio curiosamente pouco frequentado pelos leitores de *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade*, agrega a esta exposição, reforçando que:

A origem da acepção heideggeriana do termo [facticidade] não deve certamente ser procurada em Husserl, mas antes em Agostinho, que escreve “*facticia est anima*” a alma humana é fática no sentido de que foi “feita” por Deus. Em latim, *facticius* se opõe a *nativus* e significa “*que non sponte fit*”, o que não é natural, que não veio ao ser por si mesma (“que é feito pelas mãos e não pela natureza” [...] com diz o velho Calepino)³. (AGAMBEM, 2015, p. 260).

Aqui, além do que possuíamos, temos que a alma humana é fática por ter sido feita por Deus, mas seu *fato de ser* não é natural, mas um *facticius*. Significa que é de tal modo que envolve uma *elaboração*, o que nos permite dizer que o humano é um ente de facticidade e não de natureza, que *o ser do ente que somos é uma feitura e não a presentidade permanente de uma natureza, substância ou essência dada*. O que poderia se expressar, por meio de um artifício neologístico, como uma dinâmica de “factização”

terrena animantia; et tamen propter excellentiam rationis, secundum quam ad imaginem efficitur homo de illo discitur, posquam de caeteris terrenis animantibus solite conclusum est, dicendo, Et vidit Deus quia bonum est.

³ O calepino aqui mencionado não é qualquer um, trata-se do *Thesaurus Latinae Linguae*, projeto monumental que pretende abarcar termos e princípios históricos, iniciado em 1894 sob organização Eduard Wölfflin.

ou, ainda, uma “factura” (um “fazer”, ao exemplo da expressão “manufatura”) de nós mesmos. Portanto, a vida fática, naquela que é sua determinação de facticidade, como nos versos finais de *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, é “[...] fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica” (MELO NETO, 1995, p. 202).⁴ A vida fática é aquela que ora e agora e de novo se faz ao se fazer. Quer dizer que a vida fática está sempre desde uma compreensão de si mesma e da facticidade que lhe co-pertence; daí a hermenêutica da facticidade clarificar *a vida fática a partir do próprio viver*. O que resulta na afirmação de que o compreender pode ser indicado como o modo de ser mais próprio de o ser-aí relacionar-se consigo mesmo, já sempre em situações nas quais vê-se interpretando a sua existência fática. E não é só isso. Sendo o fático “[...] algo que ‘é’ articulando-se por si mesmo a seu caráter de ser,” (HEIDEGGER, 1988, p. 5) e a facticidade “[...] esse ser-aí a cada vez [...], na medida em que é ‘aí’ em caráter de ser segundo a medida de seu ser” (HEIDEGGER, 1988, p. 5).

Mas como seria este ser *a cada vez*? Desde onde algo assim se dá? Nos ocuparemos destas indagações na sequência.

A FACTICIDADE EM SEU DAR-SE NO SEU HOJE (COTIDIANO)

Em reforço a todo o dito até aqui: não sendo a facticidade um objeto na pedra de toque das psicologias, ela também não é (e Heidegger parece até mais preocupado com isso) conteúdo objetivo passível de intuição categorial à fenomenologia pura husserliana. Heidegger mantém o foco de sua observação no modo de ser desse fenômeno que se dá a si mesmo sempre e a cada vez, contínua dação que engendra primordialmente a facticidade.

Desse modo, a fenomenologia hermenêutica de Heidegger enfoca esse fenômeno existencial em seu caráter *de sempre e a cada vez (jeweils)* dado, i.é., no próprio dar-se (*Es gibt*) da facticidade em cada ocasião. Assim, nos diz Heidegger (1988): “[...] a interpretação é algo cujo ser é do próprio viver fático” (p.15); também diz que o ser-aí está desde uma interpretação de si mesmo e do mundo no qual ele se encontra em cada ocasião; daí, *a hermenêutica ter a clarificar a vida fática a partir do próprio viver*. Surge assim a pergunta: nesse caso, para onde se dirigiria o foco de uma tal investigação? E, como resposta, temos: dirige-se ao espaço dado pela vida fática, horizonte no qual o ser-aí interpreta as concreções fáticas desse campo determinante do seu *aí*, dos domínios fático-históricos e dos sentidos que condicionados por esses lhe dizem respeito. De tal sorte, o fenômeno que tal investigação focaliza é o do ser-fático, no início e na maioria das vezes (*Zunächst und zumeist*) orientado pelas interpretações que faz de si mesmo na ocasionalidade (*Jeweiligkeit*) de seu mundo fático. Isso faz com que assinale Heidegger (1988): “Na hermenêutica, o primeiro a ser configurado é a posição que permite questionar, radicalmente, sem a orientação tradicional da ideia de Homem” (p. 17). Nesse

77

⁴ O recurso ao poeta pernambucano aqui não pretende requinte literário, antes pretende indicar o quanto a poesia, bem como a filosofia também tem atenção ao fundamental.

momento, nem tanto nos interessa uma ideia tradicional de Homem,⁵ mais digno de questão é que em jogo estão conceptualidades prévias, por exemplo, as das concepções tradicionais, conjugadas insensivelmente nas interpretações de nossa vida fática.

A autointerpretação do ser-aí, para Heidegger, não é algo aderido sobre ele como que externamente. A interpretação que o ser-aí faz de si mesmo em contextos fáticos, são interpretações possíveis desde a consideração de tudo o quanto sua cotidianidade apresenta. Desse modo, o ser-aí interpreta a si mesmo desde onde os sentidos se lhe chegam por si mesmos, do horizonte no qual é *vivido* (HEIDEGGER, 1988). A cotidianidade é, assim, dado positivo dessa investigação fenomenológico-hermenêutica e Heidegger novamente adverte quanto ao fato de tudo depender de:

[...] não errar já no início, i.é., na abordagem definitiva, na colocação antecipada da explicação hermenêutica do "objeto". Cabe atender à indicação dada no conceito de facticidade como sua possível direção de realização. O ser-aí mesmo é o que é diretamente e apenas em seu "aí" ocasional (HEIDEGGER, 1988, p.29).

É preciso considerar atentamente a prescrição. Dela depende a adequação da abordagem da facticidade, na qual esta determinação do ser-aí pode ser alcançada. Uma colocação inicial da explicitação da hermenêutica do objeto? Precisamente, de maneira que a expressão referente a nosso "aí em cada ocasião" e a outra "sempre e a cada vez", são agora indicativas de que interpretação começa no hoje, ou seja, em determinada compreensão mediana da qual a filosofia vive e da qual se expressa (HEIDEGGER, 1988). Temos, assim, a facticidade já sempre compreendida medianamente. Quer dizer que a situação dessa cotidianidade é "o hoje" (*das Heute*). A ocasionalidade do ente que somos é assim determinada por ele *estar* no presente e pelo apresentar-se neste *aí*. A vida fática (na medida em que dela ainda podemos falar, já que, em seu lugar, em *Ontologia: Hermenêutica da facticidade*, seu autor usa cada vez mais frequentemente "ser-aí") pressupõe certa estabilidade, experiência num horizonte de mundo que se apresenta e no qual o presente se faz cotidiano. Assim, se antes afirmamos que a hermenêutica da facticidade dá foco à vida fática, ora acrescentamos que é no "hoje" que o fenômeno da facticidade se deixa abordar conceitualmente. Significa dizer que é no espaço de manifestação do mundo – esta malha de referências, completa, conforme e significativa – justamente no que isso expressa significações sedimentadas de uma cotidianidade, que temos "[...] a possibilidade de vir a tomar (*Griff zu bringen*) a facticidade" (HEIDEGGER, 1988, p.30).

Segundo Heidegger, o *hoje* (ou o designado *nosso tempo*) é o que há de mais palpável ao ser-aí, pois é em tal situação que primeiro encontramos a facticidade do ser-aí. Isso porque, sendo este o ente que pode se clarificar quanto a sua facticidade,

⁵ Heidegger se refere a esta pelo fato de ter dedicado à conceptualidade tradicional de homem nos §. 4-5 de sua preleção, do mesmo modo que apresenta o conceito tradicional de hermenêutica no §.2.

ele é também o único que pode tê-la obscurecida, de tal sorte que sua cotidianidade mediana não seria como que uma importunidade da existência, mas uma dimensão constitutiva. Quer dizer que no hoje é que temos o ser-aí desde as interpretações dos sentidos de sua existência, interpretações que dirigem mesmo seus comportamentos no mundo, o que expressa o ser-aí enquanto este se interpreta como algo, já desde certo modo. Justamente por isso: “Esta interpretabilidade do hoje [...] é um como do ser-aí, pelo qual cada [coisa] é vivenciada” (HEIDEGGER, 1988, p. 31). *Decorre disso que o que temos para começar uma hermenêutica do ser-aí, o que podemos tomar para iniciar tal análise, é o constituído na ocasionalidade desse hoje. É com isso que contamos, ao operarmos compreensivamente a hermenêutica, para desenvolver essa investigação pré-teórica de nós mesmos, em “nosso tempo”.*

Ora, mas e que tempo seria o *nosso*? Qual a determinação do assim chamado “nosso tempo” e o que de ontológico se diz da facticidade com tal expressão? No hoje, o ser-aí conjugaria em si as marcas de seu tempo, as imagens de si e de seu mundo condicionadas por pressupostos na mediação com os outros, bem como a interpretação do que ele próprio chamará de “nosso tempo”. Para Heidegger, naquele semestre de verão de 1923, o: “Importante à explicação hermenêutica não é um informe mundano do que ‘está acontecendo’. ‘Hoje’, em nossos dias, isso é cotidianidade, dissipar-se, submergir no mundo, falar dele, ocupar-se” (HEIDEGGER, 1988, p. 30). Cabe dizer que apesar de conhecermos o ser-aí no cotidiano do hoje o que importa é a explicitação hermenêutica de seu ser. Essas são interpretações que agregam ao esforço de tomar o ser-aí em seu tempo, no hoje. Por isso mesmo, a consideração de existenciais como o caráter público, a curiosidade, o *se* e a falação, não devem ser aqui objeto de extensa reconstrução conceitual (também não o são em *Ontologia: Hermenêutica da facticidade*); em lugar disso, cabe a indicação de que esses atuam em nossa compreensão do hoje e de como o ser-aí compreende sua facticidade em nosso tempo.

Ter o hoje como ponto de partida de uma hermenêutica da facticidade não significa restar em seu domínio na cotidianidade mediana, antes, consoante citação anterior, prescreve Heidegger (1988):

Crucial é tomar o hoje na abordagem da análise, de tal forma que algo como um *caráter-de-ser* já se torne visível. Pois algo assim deve ser feito transparente e, enquanto tal, no círculo fenomenal da facticidade. Só então poderá ser colocada a questão óbvia sobre se o “hoje” foi encontrado no caráter-de-ser que foi tomado no modo de abordagem (p. 30-31).

Determinar o hoje enquanto modalidade da facticidade é passo programático para a determinação do caráter ontológico do ser-aí enquanto este ontológico do ser-aí fazer-se visível a uma investigação do fenômeno da facticidade, em seu caráter histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentadas essas notas características sobre a hermenêutica da facticidade, é possível ensaiar agora algumas contribuições que este pensamento do jovem Heidegger (nesse caso, anterior a *Ser e tempo*) teria a oferecer a uma psicologia fenomenológica em bases existenciais. Isso que chamamos contribuições é o que trazemos junto ao texto, e que, na condição de “pequena migalha espiritual” poderia ser útil aceno ao modo de ver e lidar desta psicologia. Nesses termos, indicaríamos que a vida fática, a facticidade ou o que (ainda em *Ontologia: Hermenêutica da facticidade*) presenciamos sendo chamado de ser-aí, na forma de uma dinâmica de fazer-se, não deve ser convertido em um objeto. O que significa que, para a hermenêutica fenomenológica de Heidegger, o fenômeno da facticidade não é tratado como algo dado a uma subjetividade especulativa, interessada em descobrir propriedades ou atributos deste ente. Facticidade é referente a nosso ser-aí e, enquanto tal, refere-se positivamente ao modo de nosso ser.

Uma hermenêutica (fenomenológica) da facticidade não se volta a enfocar pretensas *estruturas, funções* ou *atos* de uma consciência empírica que, mesmo por um enfoque fenomenológico, ainda reteria um resíduo transcendental. Nesse caso, diferentemente, da fenomenologia husserliana das *Ideias para uma fenomenologia pura* (1913), que intenta o campo fenomenal da consciência em sua presumida pureza, a compreensão da vida fática é compreensão das experiências engendradas no próprio *dar-se da vida*, na facticidade de um espaço de realização ora denominado de *aí*, este que se traduz na experiência de um mundo vivido, de um mundo histórico constituidor dos sentidos os quais conjugamos.

Aquilo que chamamos de vida fática, e seu caráter de facticidade, não é algo que pressuponha o caráter ideal de uma consciência ou mesmo seus conteúdos categoriais. Dizendo de outro modo, a vida fática já sempre se dá no campo do *hoje*, dimensão hodierna ou cotidiana na qual nós já sempre estamos desde uma interpretação derivada de nós mesmos. Significa dizer que o ser-aí (este ente cujo fato de ser está na situação de fazer-se sempre e a cada vez) tem a si próprio, no início e na maioria das vezes, desde uma interpretação derivada que logra do próprio mundo fático-histórico que é o seu, por assim dizer, o ser-aí é sempre desde “seu tempo”.

Heidegger compreende que esta autointerpretação do ser-aí sempre orienta seus comportamentos e, sendo este ente um que se faz por meio destes comportamentos, não é difícil entrever que ele se torna o que é a partir das compreensões e interpretações que tem de si. Essas interpretações não são sem pressupostos, em sua obra, Heidegger busca evidenciar o quanto pressupostos significativos do mundo que é o nosso, alimentados por uma compreensão de nossa consciência histórica e mesmo de compreensões filosóficas em vigor em nossa época, condicionam essa autointerpretação. Percebamos, assim, que as *visões, posições* e *significações* prévias de nosso mundo fático (o que Heidegger chama de estruturas prévias da compreensão) condicionam a vida fática. Estar ciente desse

condicionamento e do papel que as tradições, as compreensões medianas, opiniões comuns, as interpretações cotidianas têm vez em nossa existência é aspecto desse pensamento e justifica uma abordagem que se pretende mais propriamente hermenêutica.

Mas ora, examinando esses saldos, vemos que o que quer que se diga de uma hermenêutica da facticidade pode ser, quase que na íntegra, dito da filosofia da existência. De tal sorte que, mesmo os referidos contributos à psicologia fenomenológica em bases existenciais, sejam mais contribuições da analítica existencial de Heidegger do que da hermenêutica ora apresentada.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. A paixão da facticidade. In: *A potência do pensamento*. Ensaios e conferências. Trad. Antônio Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 255-281.
- DE LARA, F. El estatuto fenomenológico de la indicación formal en Heidegger. In: *Filosofia Unisinos*, 13 (2012), p. 15-29.
- ESCUADERO, J. A. Faktizität, “facticidad”. In: *El lenguaje de Heidegger*. Diccionario filosófico 1912-1927. Barcelona: Herder, 2009, p. 88-90.
- FABRIS, A. L’ “ermeneutica dela fatticità” nei corsi friburghesi dal 1919 al 1923. In: VOLPI, F. (a cura di). *Guida a Heidegger*. Ermeneutica, Fenomenologia, Existencialismo, Ontologia, Teologia, Estetica, Etica, Tecnica, Nichismo. Roma-Bari: Laterza, 2002, p. 57-106.
- GADAMER, H.-G. Heidegger und die Griechen. In: *Hermeneutik im Rückblick., Gesammelte Werke*. Band. 10. Tübingen: J. C. B Mohr (Paul Siebeck), 1995.
- HEIDEGGER, M. Ontologie: Hermeneutik der Faktizität. In: *Gesamtausgabe* II. Abteilung: Vorlesungen. Band 63. Frankfurt am Main, Klostermann, 1988.
- _____. Sein und Zeit. In: *Gesamtausgabe – I Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1914-1970*. Band 2. Frankfurt am Main: Klostermann, 1977.
- HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Band. II; Teil I. Halle: Max Niemeyer, 1928.
- KAHLMAYER-MERTENS, R. S. “Hermenêutica da facticidade: contraprojeto à fenomenologia transcendental?” In: *A Filosofia Transcendental e a sua Crítica: Idealismo – Fenomenologia – Hermenêutica*. (Org.) Diogo Ferrer et al. Coimbra: Coimbra University Press, 2015, p. 235-257.
- _____. Revisitando 1923, a hermenêutica da facticidade e uma antevisão da analítica existencial. In: *Aoristo – International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*. (2023a), v.6, n.1, p. 156-169.
- _____. Indicação de “nosso ser-aí mais próprio”, tarefa de *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade*. In: *Perspectiva Filosófica* (2023b), v. 50, n. 2, p. 90-105.
- MELO NETO, J. C. Morte e Vida Severina. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 169-202.
- ROHDE, E. *Psique*. El culto de las almas y la creencia en la inmortalidad entre los griegos. 2. vols. Barcelona: Labor, 1973.

Submetido: 05 de novembro de 2023

Aceito: 05 de dezembro de 2023